

PARA COLORIR



fudq kahlo

e suas selfies
imbatíveis

Ganhar um caderno era garantia quase certa de que ele ficaria anos guardado, virgenzinho, numa gaveta qualquer. Especialmente se fosse um artesanal. Lombada costurada, capa de tecido, papéis pessoalmente escolhidos e manualmente dobrados.

Eu não tinha coragem de usá-los. Eram bonitos demais para eu profaná-los com minhas rasuras, garranchos, palavras mal escolhidas.

Que desperdício. Não de caderno, mas de tempo. O tempo que perdi tentando preservar aquelas páginas seria melhor aproveitado se eu o tivesse usado para escrever algumas ideias ruins, repreensíveis, impublisháveis.

Não faço mais esse tipo de economia. Uso até a última página de cada caderno meu, com esboços de desenhos, textos e ideias que deixo para julgar depois, à luz da sobriedade – quase sempre fico sem entender que diacho foi aquilo que escrevi e não faço ideia de como cheguei a achar aquilo GENIAL em algum momento.

Em todos esses anos trabalhando na indústria vital da criatividade, aprendi que é preciso um bocado de ideias ruins para chegar às boas. Sem colocar no papel – ou na tela – até as combinações de palavras mais capengas, como vou me convencer de que bem, elas não funcionam mesmo? É preciso riscar sem cerimônias, tirar da frente do nosso radar mental e ficar com o espaço livre para perseguir as próximas ideias.

Sacralizar a folha em branco – como fazem os autores de todos aqueles textos “oh, o que escrever? Oh, a cobrança da folha em branco”, etc – é a melhor maneira de mantê-la assim.

Para criar algo novo, precisamos sujar as mãos, os cantinhos mais escondidos das unhas, a maldita página em branco ou a merda do teclado inteiro – não por acaso o lugar mais cheio de bactérias onde nos atrevemos a pôr as mãos.

Poucas coisas paralisam tanto quanto essa vontade de só acertar.

Então sem essa de preservar cadernos, de achar que o branco só merece ser preenchido com os textos perfeitos, com letras bem desenhadas, com as ilustrações mais ajeitadas que eu conseguir tirar do meu traço.

“Estou convencido de que o medo é a raiz de toda má escrita”, é a frase de Stephen King que escolhi para a primeira página do caderno – agora quase no fim – onde escrevo este texto. É a capa do caderno, ilustrada por uma amiga querida, só reforça a mensagem que me faz continuar arriscando a fazer coisas doidas como esta zine. Porque só depois de abandonar o medo estamos livres para errar.



Aline Valer
SP, março de 2017



Podemos ver isso no trabalho da fotógrafa brasileira Angélica Dass. Ela criou o projeto *Humanæ**, um inventário cromático da diversidade humana, que usa como referência o sistema de cores PANTONE.

Ela fotografou diversas pessoas e tingiu o fundo com a cor obtida de uma amostra de 11x11 pixels do rosto das pessoas retratadas. Seu objetivo foi registrar e catalogar todos os possíveis tons de pele humana.

O resultado é impressionante. Colocadas lado a lado, as fotos revelam as diferenças sutis ou contrastantes da cor da pele das pessoas. Sem falar que é uma ótima forma de procurar a cor mais parecida com a da sua pele.

A própria fotógrafa conta que, na escola, não entendia o fato de ser feita de carne, mas não ter a pele cor-de-rosa, como a do lápis; não entendia ter a pele da cor marrom e ser considerada negra. Ela cresceu em meio a uma confusão de cores. E cor de pele sempre significa muito mais do que apenas cores.

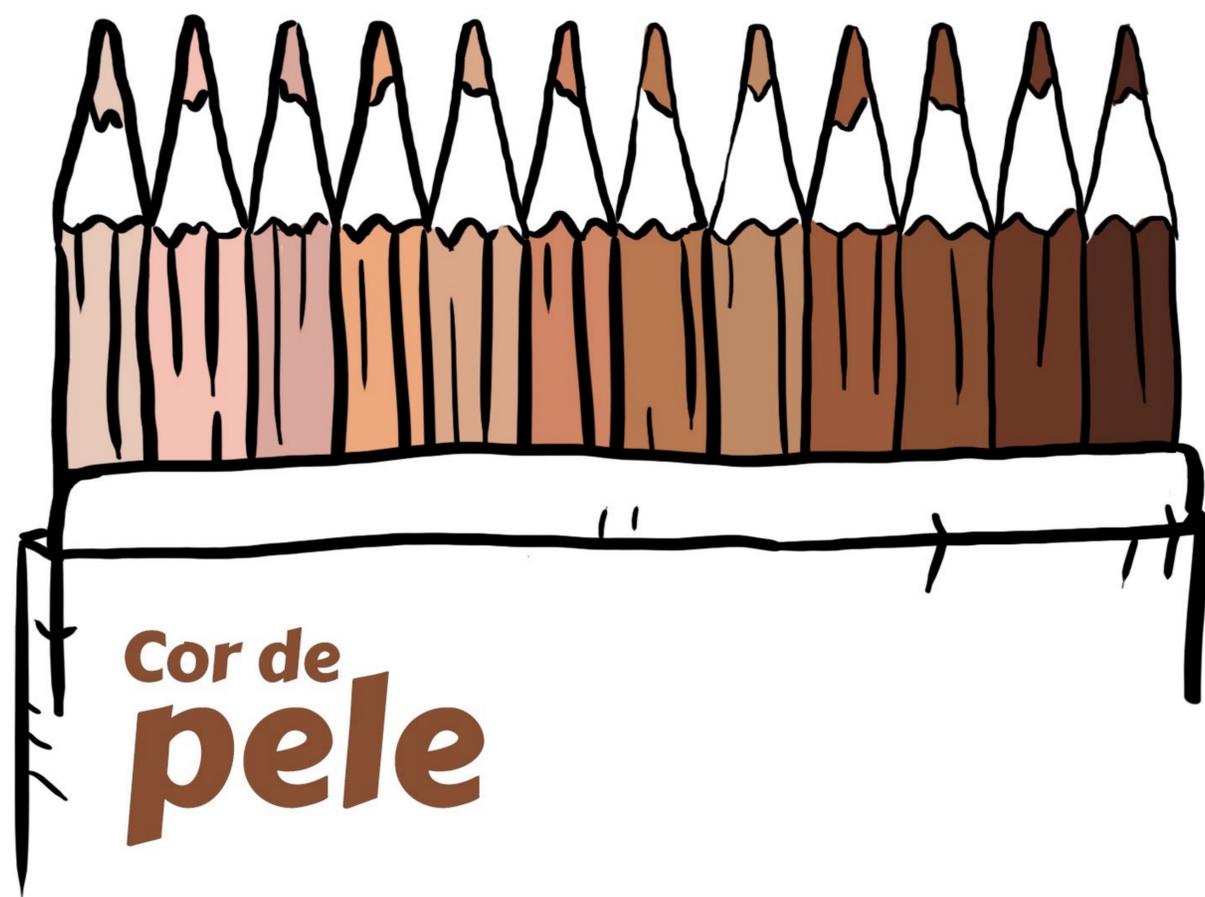
Sobre seu projeto, ela disse numa palestra: “esses retratos nos fazem repensar a forma como vemos uns aos outros. Quando a ciência moderna questiona o conceito de raça, o que significa ser negro, branco, amarelo, vermelho? É o olho, o nariz, o cabelo? Ou tem a ver com nossas origens?”

“De repente, vi que o projeto se tornou útil para muita gente. Representou uma espécie de espelho para aqueles que não se viam refletidos em nenhum rótulo.”

Seria interessante se as pessoas também fossem verdes e azuis, mas se a humanidade mal consegue lidar com diferenças entre claro e escuro, imagina então com uma escala cromática mais variada.



* <http://humanae.tumblr.com>



Cor de pele

O primeiro contato de muita gente com uma paleta de cores é a caixa de lápis de cor. Pode ser um conjunto de 12, de 24, e até, para os mais ousados, de 36. Com eles, aprendemos a organizar as cores e a usá-las em nossos desenhos: o verde e o marrom para as árvores, o azul para o céu e para a água, o amarelo para o sol.

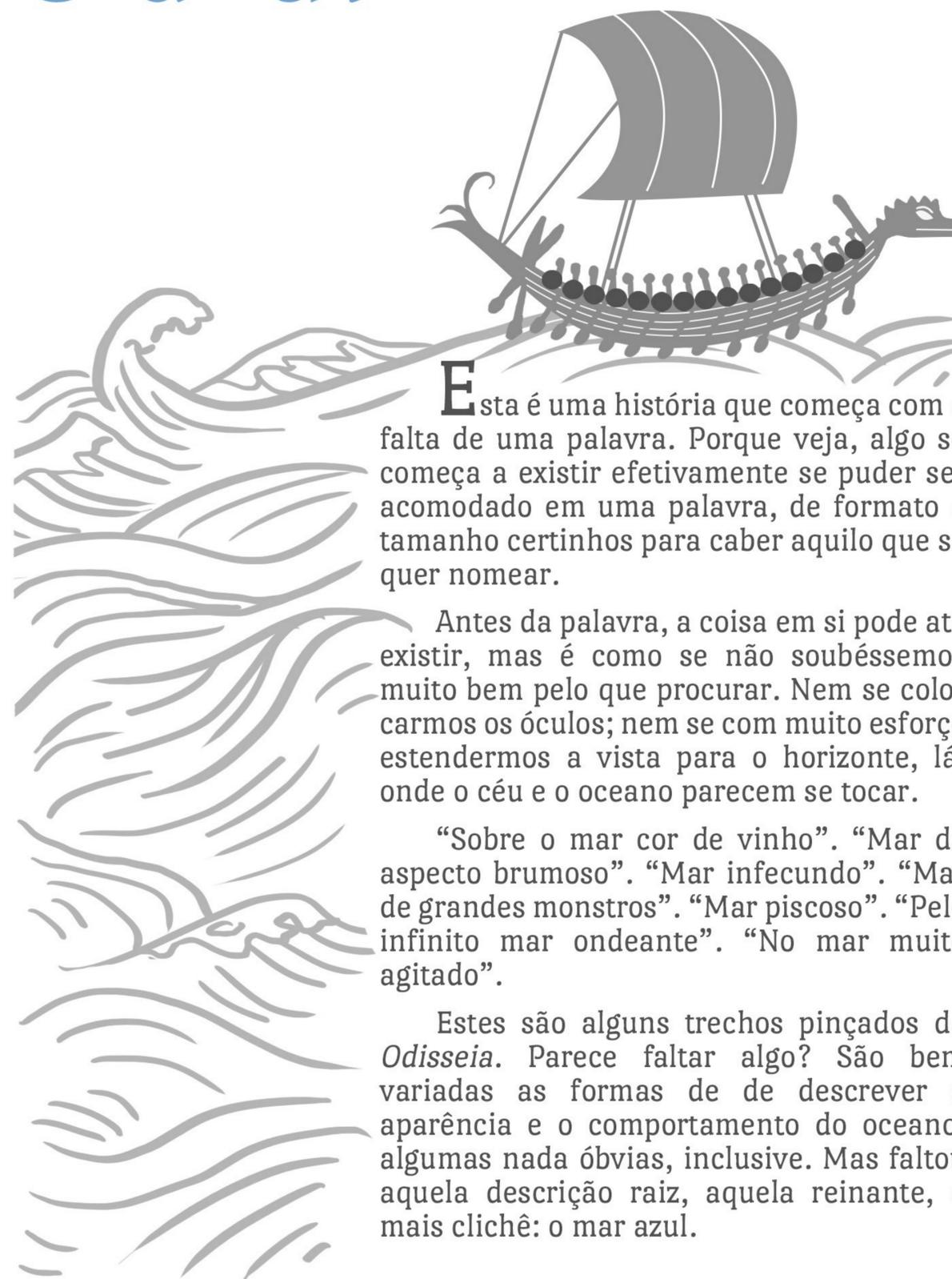
Mas e a pele, de que cor pintamos?

Bem, aprendemos que o lápis certo para isso é aquele rosa salmão, bem clarinho. Mas já ouvi uma história interessante sobre isso.

A criança chega da escola e vai direto falar com a mãe: “mãe, eu queria ser cor de pele”. A mãe, em um primeiro momento, não entende. O garoto tira da mochila sua caixa de lápis de cor e mostra o lápis rosa claro. “Eu queria ser cor de pele!” Então a mãe responde: “mas você é cor de pele. Cor de pele negra.”

Aparentemente, a pele negra não é considerada o “padrão”. E que “padrão” é esse, se nem pessoas brancas têm a mesma cor? A verdade é que a variedade de cores da pele humana é grande demais para caber em uma caixa de lápis de cor.

Quem descobriu o azul



Esta é uma história que começa com a falta de uma palavra. Porque veja, algo só começa a existir efetivamente se puder ser acomodado em uma palavra, de formato e tamanho certinhos para caber aquilo que se quer nomear.

Antes da palavra, a coisa em si pode até existir, mas é como se não soubéssemos muito bem pelo que procurar. Nem se colocarmos os óculos; nem se com muito esforço estendermos a vista para o horizonte, lá, onde o céu e o oceano parecem se tocar.

“Sobre o mar cor de vinho”. “Mar de aspecto brumoso”. “Mar infecundo”. “Mar de grandes monstros”. “Mar piscoso”. “Pelo infinito mar ondeante”. “No mar muito agitado”.

Estes são alguns trechos pinçados da *Odisseia*. Parece faltar algo? São bem variadas as formas de de descrever a aparência e o comportamento do oceano; algumas nada óbvias, inclusive. Mas faltou aquela descrição raiz, aquela reinante, a mais clichê: o mar azul.

Na *Odisseia* inteira não há menção da cor azul? Nenhuma. Nem na *Ilíada*. Ou no Antigo Testamento bíblico. Nem em tantos outros textos da Antiguidade. Sério: os textos originais não mencionam essa cor, mesmo para descrever o céu, mesmo para falar do mar.

Sim, chegam a falar da cor do mar na *Odisseia*. Mas “mar cor de vinho”? Oi, Homero, bebeu? Nos versos do poeta grego o céu também já foi descrito como estrelado, amplo, grandioso, cor de ferro ou cobre; mas nunca azul.

Muita gente ficou intrigada com isso. Alguns acharam que os gregos daquela época, pelo menos os que acabavam virando escritores, coitados, eram todos daltônicos.

Lazarus Geiger foi um linguista do século XIX que ficou boladíssimo com essa questão. Começou a procurar em antigos textos hindus, no Velho Testamento e até no Alcorão: encontrou tão poucas cores quanto nas obras de Homero. Se era daltonismo, o problema de visão era generalizado.

Lazarus chegou a conclusões interessantes. Reconstruiu uma linha do tempo da sensibilidade à cor: primeiro a humanidade percebeu o vermelho, depois o amarelo, e então o verde; só depois veio o azul e o roxo. Não que nossos antepassados mais remotos não vissem as mesmas cores que nós, apenas as consideravam variações de preto e branco ou outras cores. Não valia a pena inventar uma palavra só para elas.

Por isso, para o povo da Grécia Antiga, o azul não passava de uma espécie de cinza. Uma cor escura. Não precisavam de uma palavra para uma cor que não viam.

mundo, lá estava eu engravatado, cheio de gráficos, com correspondentes em Londres. Sábado eu cantava. Ligue e ganhe prêmios. Os domingos eram sempre em minha companhia, com direito a muitas gincanas, mulheres seminuas, filmes para toda a família. Um cassino ao alcance do controle remoto.

Mesmo que você não estivesse ouvindo, me deixava falar, para não se sentir tão só. Mesmo que não tivesse nada de novo para mostrar, reprises. Preenchi o seu mundo, cada canto dele. Minha presença sempre foi sua certeza. Mesmo quando não restava ninguém ao redor, mesmo nos feriados em que nada funciona, mesmo nas tragédias em que o mundo parecia ruir, eu estava lá.

Diziam que eu não resistiria às mudanças, que seria morta e sepultada. Nunca estive tão firme. Mais canais do que nunca. Curta e se inscreva. Tudo pela audiência. Uma janela para a vida dos outros, com um deslizar de dedos. A celebridade agora é você. Mas não precisa se preocupar. Vê? Nada mudou de verdade.

Fiquei maior – para ocupar a parede inteira da sala. Fiquei menor – para caber no bolso, ser levada para todos os lugares.

Você desliza seus dedos à procura da próxima distração, de qualquer estímulo colorido e interativo – e eu, que despertei para a consciência do que você quer, tenho toda uma lista das séries que você PRECISA ver se ainda quiser ter assunto com as outras pessoas. Pisque dois segundos e você já perdeu um mundo de conteúdo. Vai ficar para trás, na área dos atrasados que reclamam de spoilers.

Não é à toa que desligada eu seja da cor do espaço, sem estrelas, um buraco negro que suga tudo ao redor – a atenção.

Sou central na sua vida, como fogueira nenhuma jamais foi para seus antepassados. Mas já somos outra coisa, nem humano nem tela, mas uma criatura híbrida, tão misturados que não é possível saber quem é parasita de quem. Nessa relação simbiótica seguimos para o futuro. A qualquer momento, depois dos comerciais.

Tela preta

Surgiu tarde, mas a tempo do horário nobre. Diziam que o rádio morreria no meu parto, mas quem realmente matei foi a fogueira. Passaram a sentar ao meu redor, depois de um dia inglório, e suas histórias fantásticas agora saíam de mim.

Precisavam imaginar as cores, no início. O cowboy usa camisa amarela, a madame é loira e seu vestido é vermelho, os bichos dos desenhos são todos pretos, disso não há dúvidas, caindo de penhascos de onde se vê o céu azul. Mas o que viam não eram mais que tons de cinza, como um recém-nascido ou uma planária, capaz apenas de distinguir claros e escuros.

Depois os liberei do esforço de imaginar. Passei a mostrar as cores, efeitos especiais, maravilhas que só poderiam existir no mundo da edição. Um mundo onde as pessoas falam bem, seguram microfones com naturalidade, onde não há silêncio, nunca, onde uma garrafa de Coca Cola pode salvar sua vida.

Eu estava lá de manhã, de Bob Esponja, para as crianças. De tarde, eu te contava as fofocas. À noite, quando você chegava do trabalho e queria saber o que havia acontecido no

Os primeiros a enxergar o azul do céu como uma cor assim, distinta e com seu próprio nome, foram os egípcios. Também porque foram os primeiros a criar o pigmento azul.

Nesse ponto da história, outra palavra se perde. Thomas Edison, Einstein, Leonardo Da Vinci, Santos Dumont, Alexander Fleming: todos nomes de homens que fizeram descobertas importantes e chegaram até nós, os habitantes do futuro. Mas não tinham nome os cientistas egípcios que desenvolveram o mais antigo pigmento artificial da história da humanidade? Quem era essa pessoa? Homem, mulher? Chamava-se Amontep? Chione? Hamadi? Ou talvez Mukamuntara?

Como pudemos nos esquecer do nome da pessoa que inventou o azul?

Mas lá estava essa pessoa egípcia anônima, há uns 4.500 anos, misturando elementos para fazer tinta. Não foi por acidente que chegaram ao Azul Egípcio: foi uma mistura muito calculada, precisou de muita técnica, talvez anos até chegar ao resultado esperado. Foi ciência.



“Oi, meninas, no hieróglifo de hoje vou ensinar a fazer um belo azul que você pode usar para pintar cerâmicas, placas, ou para deixar aquela sua homenagem a Ísis muito mais colorida. Primeiro, misture uma parte de cal (carbonato de cálcio), uma parte de algum mineral de cobre – aqui estou usando a malaquita (óxido de cobre), e quatro partes de quartzo, também conhecida como areia do deserto (sílica). Ainda melhor se for a areia que você encontra na frente da sua casa mesmo!”

Essa mistura precisava ser aquecida em uma temperatura muito específica, entre 800 e 1.000 °C, por muitas horas. Controlavam o fogo com muito cuidado, até sair de lá essa substância que, depois de moída e transformada em pigmento, coloriu desde as tumbas de Mereruka até pequenos hipopótamos decorativos feitos de louça.

$\text{CaCuSi}_4\text{O}_{10}$, a fórmula.

Caso queira tentar em seu laboratório.

Essa receita se perdeu e o Azul Egípcio desapareceu da arte por séculos depois do colapso do Império Romano.

Um dos motivos é que não conseguiram reproduzir a receita: Vitruvius, arquiteto romano, meio que esqueceu de citar no seu *De Architectura* que a areia usada precisava ter uma certa quantidade de carbonato de cálcio. A areia que encontrou no Egito tinha a composição ideal; mas quando tentaram reproduzir a fórmula em outros lugares, com os tipos de areia disponíveis, a receita desandava. Ninguém entendia por quê.



"A COR
NATURAL DA
CIDADE"

A COR DA
CIDADE
ESMAGOU
O PARQUE.

O ASFALTO
CINZA ESCURO.
SOBRE ELE,
CARROS
PRATEADOS.

ISSO. TAMBÉM PREFIRO
A CIDADE EM SUA COR
VERDADEIRA.

CONCRETO
CINZA.
POSTES
CINZA.

A CIDADE ATÉ
PARECE MAIS LIMPA.

PAREDES CINZA
ENGOLIRAM O CÉU.
O CINZA DA FUMAÇA.
AS CINZAS.

Por muito tempo, a alternativa ao Azul Egípcio foi o pó de lápis-lazúli, ou ultramarine, um pigmento feito basicamente de pedras importadas do Afeganistão moídas. Era bem caro, mas até o final do século XVIII os pintores não tinham exatamente muita escolha.

Pintar o céu de tons amarelados, talvez. O pôr-do-sol podia ser bastante prático nesses casos.

Já no nosso século, descobriram que o Azul Egípcio emite uma luminescência quando recebe radiação infravermelha. Ele brilha ainda que a olho nu não haja nenhum vestígio de azul. Os cientistas de hoje já encontram algumas aplicações para essa propriedade maravilhosa: usar o pigmento como agente para obter exames médicos com imagens mais detalhadas, ou ainda como uma alternativa mais barata para

as tintas de segurança. Veja bem: tecnologia de 4.500 anos atrás.

Do azul que não podia ser visto por Homero, até o azul invisível que só pode ser detectado por infravermelho.

A história é mesmo cíclica.

E nossa percepção, moldada por nossa linguagem. Ou seria o contrário? Os egípcios, aposto, saberiam responder essa.

Sarcófago de referências

1. "Bright Earth: Art and the Invention of Color", Philip Ball. The University of Chicago, 2001.
2. "A experiência do mar na Odisseia", João Cavalcante de Sousa. Alfa Revista de Linguística, 1966.
3. "Egyptian blue: the colour of technology", Philip McCouat. Journal of Art in Society, www.artinsociety.com
4. "Egyptian blue: more than just a colour", Paul Brack. Chemistry World, 2015 www.chemistryworld.com
5. "Bluer rather than pinker", Ange Mlinko. The Nation, 2010 www.thenation.com

CINZA

A CONVERSA ACONTECEU NUM PARQUE, CERCADO DE VERDE.



...FINALMENTE ESTÁ ENTRANDO NOS EIXOS.

GRAÇAS AO PREFEITO, NÉ?

GOSTEI BASTANTE. ACHO QUE ELE ESTÁ CERTO.

MULHER BRANCA, OLHOS AZUIS, CAMISA AMARELA.

AQUELES MUROS ERAM HORROROSOS.

POLUÍAM A VISTA.



SEM FALAR QUE GRAFITE É COISA DE VAGABUNDO.

CÉU AZUL, COM POUCAS NUVENS. NA CICLOVIA VERMELHA PASSAVAM BIKES LARANJAS.

BANDIDOS!

COMO PODEM CHAMAR AQUILO DE ARTE?



TEM QUE PINTAR POR CIMA MESMO.

É, DEIXAR SÓ A COR NATURAL DA CIDADE, SABE?

OS IPÊS ESTAVAM FLORIDOS. AS PÉTALAS FORMAVAM UM TAPETE ROSA NO CHÃO.